







# ELIPSE ECLIPSE APOCALIPSE

**Marcia Ribeiro**

31.07.22 — 06.11.22

Planetário do Parque  
do Carmo, São Paulo



Pensada e projetada para o Planetário do Parque do Carmo, em São Paulo, a exposição *Elipse, Eclipse, Apocalipse*, de Marcia Ribeiro, proporciona uma experiência sensorial e artística em um espaço de pesquisa astronômica, interseccionando saberes científicos e artísticos e criando relações de complementaridade entre as dimensões do macro e do microcosmo.

Na exposição, Marcia Ribeiro mostra uma produção artística de 8 anos em um núcleo de 13 pinturas instaladas no hall da sala de projeção. Formas circulares e elípticas surgem de procedimentos de pintura calcados nas relações luminosas da cor e da materialidade da tinta, compondo um vocabulário visual que remete diretamente ao imaginário cósmico.

A artista expande essa pesquisa pictórica na obra audiovisual *Ciao Mondo - Réquiem Elíptico*, exibida em sessões projetadas no domo do planetário. Com trilha sonora polifônica composta com o músico Arthur Braganti, a obra é feita a partir de recursos de luz e de imagens disponibilizados pelo próprio planetário - a abóbada celeste, estrelas, planetas, efeitos de cor e luz - com as quais a artista constrói uma imersão audiovisual, luminosa e cromática. *Ciao Mondo - Réquiem Elíptico* alude ao ciclo de um dia, em que uma noite dilatada é revelada a fim de suscitar sonhos e invenções, em uma viagem cósmica repleta de possibilidades.

Após as sessões, o público é convidado a registrar as percepções geradas pela experiência. O material é transformado em conteúdo visual e simbolicamente lançado ao espaço sideral, dando origem à obra coletiva *Escritos nas Estrelas*. Utopia como horizonte de mudança!

Realizar uma mostra de arte nesse local mágico, que permeia o imaginário e oferece um céu lúdico que estimula sonhar, torna-se vital sobretudo nesse momento em que uma lógica perversa domina as diretrizes vigentes e explicitamente nega a ciência, a arte, a pesquisa.

Olhando para "fora", questionamos o que está "dentro", onde estamos e o que fazemos a partir disso. Ao olhar para o céu, temos o infinito como referencial e tudo se ressignifica. Assim, nessas relações entre macro e micro, dentro e fora, noções de território, coletividade e subjetividade também são abordadas na mostra nos trabalhos *Bandeiras* e *Cápsula Atômica*, ambos criados para a ocupação e que recebem o visitante, na parte externa do edifício.

Concebida para o Planetário do Parque do Carmo, Elipse Eclipse Apocalipse estabelece outras formas de circulação para a arte, submetendo a poética a um contexto fora do circuito artístico convencional e, assim, experimentando sua ressonância em territórios muitas vezes não inseridos na programação artística da cidade. Deslocar a atuação artística para áreas com poucos aparelhos culturais públicos constrói um alicerce edificante que não só alcança e cativa um público, mas também expande pensamento e sensibilidade na troca entre a artista e os visitantes. Pensando nessa relação com o público do planetário, a mostra tem projeto educativo desenvolvido em parceria com o artista Rodrigo Bueno.

A proposição de Elipse Eclipse Apocalipse para o Planetário do Carmo passa por desejos como o da arte como proposição política e plataforma para elaboração de outras sensibilidades, fazendo-se valer da capacidade que ela tem de buscar modos de construir e desconstruir pensamentos, negociar espaços e enunciar diferenças.

\* A exposição foi visitada por mais de 15.000 pessoas.



**Bandeiras, 2022**  
Impressão digital sobre nylon  
180 x 256 cm



PLANETA

UNIVERSO

GALÁXIA



Cápsula Atômica , 2022 - Arcos de ferro pintados fixados sobre placa circular espelhada, 210 x 420 cm

## AMAR PARA ENTENDER

por Ulisses Carrilho

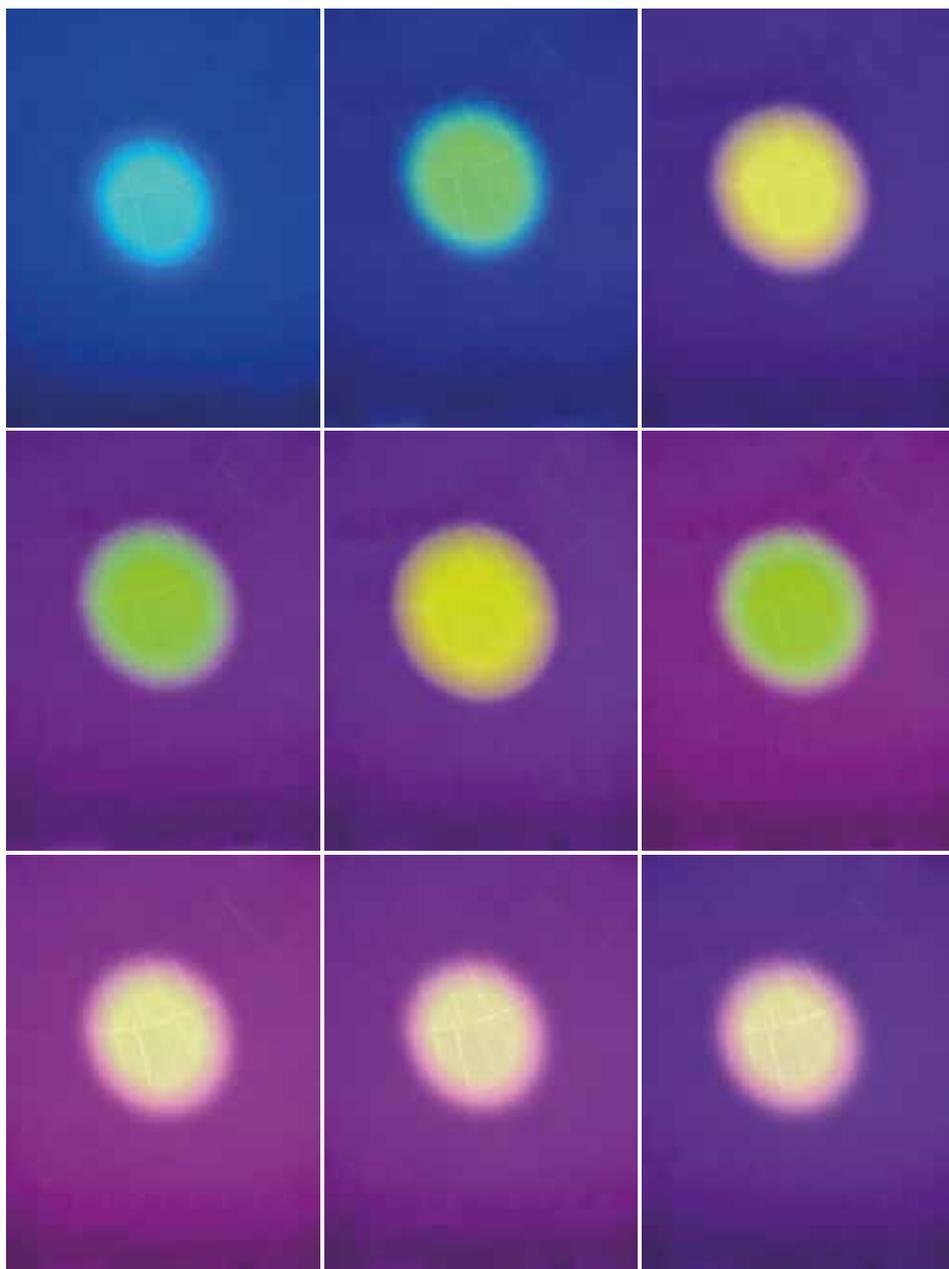
No dia 29 de maio de 1919, o céu amanheceu nublado sobre a cidade cearense de Sobral, 240 quilômetros distante de Fortaleza: *"A população estacionou nas praças públicas, impressionada com o surpreendente espetáculo que a natureza lhe oferecia. Parecia que a aurora ia romper e, naquela escuridão, os galos cantavam e as avezinhas procuravam agasalho."* Assim o jornal Folha do Littoral descreveu o momento em que a população de Sobral, no interior do Ceará, presenciou um eclipse total do Sol em 1919. Tivesse o Sol permanecido encoberto, todo o esforço da comitiva de astrônomos ingleses teria sido em vão, como em 1912. Perderiam o eclipse total e a chance de provar, pela primeira vez, se a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, estava correta. Publicada em 1916, a teoria de havia levado oito anos para ficar pronta: foi o tempo que Einstein levou para generalizar os postulados da relatividade especial, de 1905, e incluir a gravidade na teoria. O segredo estava em fotografar essas estrelas – em última instância, produzir uma imagem, procedimento comum aos artistas visuais – durante o eclipse e, um tempo depois, fotografá-las novamente quando estivessem na mesma região do céu, mas sem a mesma interferência do Sol. Pouco antes das 9h da manhã, uma oportuna brecha entre as nuvens revelou a todos o momento em que o disco solar foi obscurecido pela Lua. Sobralenses amedrontados buscaram refúgio na igreja, temendo o Juízo Final; conta-se que os galos ao redor, confusos, cantaram pensando que já era noite; enquanto isso, os cientistas extraíam o máximo de resultados dos instrumentos de alta precisão cuidadosamente montados em um laboratório improvisado. Cinco minutos e treze segundos mais tarde, o Sol voltou a brilhar.

Este ensaio, muito embora leve o verbo *entender* em seu título, não está preocupado em facilitar o processo de compreensão dos trabalhos que compõem o corpo da obra de Marcia Ribeiro, que baila entre a pintura, o desenho e a instalação. Muito antes pelo contrário: trata-se de especular razões possíveis pelas quais a artista, que não costuma operar por meio da linguagem escrita na sua produção artística, elegeu três substantivos para neste espaço-tempo emprestar um nome tripartido ao conjunto de trabalhos apresentados.

Uma forma, a *elipse*, metaforiza as trajetórias realizadas em vários sistemas físicos naturais que possuem um centro de força central, como a Terra e demais planetas em torno do Sol; um evento astronômico - *eclipse*; uma alusão ao juízo final - *apocalipse*.

Palavras não dão conta da intensidade de tudo aquilo que é sentido pelo corpo, mas poetas, oráculos, xamãs e demais forças desconhecidas que operam neste mundo nos ensinam que ainda assim podemos tentar.

Dentre as figuras de linguagem da língua portuguesa, é a elipse que opera omitindo um termo de determinado enunciado. Uma subtração: operação que confia na síntese, no apagamento. Nas pinturas realizadas por Marcia, frente à pincelada, a rasura apresenta-se como importante coadjuvante. Se a história da arte insiste em categorizar as pinturas, figurativas ou abstratas, relembrando-nos que se trata de acúmulo de tinta sobre tela, artistas interessados em agir desde este meio dificultam tais determinismos ao operar criticamente sobre a tradição. O repetido aforismo do pintor e professor de pintura Maurice Denis (1870 - 1943) anuncia que "é preciso lembrar que um quadro, antes de ser um cavalo de batalha, uma mulher nua ou uma anedota qualquer, é essencialmente uma superfície plana recoberta de cores reunidas numa certa ordem". Em Marcia Ribeiro, por meio da raspagem, da retirada das camadas de tinta sobre a tela, somos nós, espectadores, públicos, videntes, convocados à arqueologia da própria pintura para lhe carregar sentido. Por meio da retirada de camadas de tinta, percebemos um passado que se faz presente, cuja totalidade nos escapa - como a própria vida. No entanto, sabendo que toda palavra é um código prestes a receber novos sentidos, podemos também perceber que a primeira dessas palavras é



Ciao Mondo - Réquiem Elíptico, 2022. Instalação audiovisual imersiva 13' (detalhe)

justamente aquela que dá nome a uma forma, a elipse. Mas também ao movimento da trajetória de um ponto – como toda e qualquer linha já produzida, por artistas ou não, e descrita pela física. Elipses abundam nos movimentos que regem o Espaço e, não à toa, regem a organização do tempo. É a duração do movimento da Terra em torno do Sol, elíptico, que marca aquilo que denominamos ano. Em tinta acrílica, guache, bastão oleoso ou lidando diretamente com pigmentos, percebemos um corpo de trabalhos que ora parecem ser um gozo liberado de experimentação da forma, ora parecem ter o ímpeto de revelar o que a ciência ainda não conseguiu desvelar. Como espécies de mirações ou visões alucinógenas, percebemos uma psicodelia da forma que não obedece à rigidez dos projetos concretos e neoconcretos, tão importantes para a arte brasileira, mas ainda assim percebemos uma vontade geométrica nas composições estruturadas pela artista. Ao mirar suas pinturas, reconhecemos enigmas que demandam tempo do espectador: desobedecem à rapidez da ordem do dia, parecem esgarçar o tempo, convidar a uma vagareza. Tal demora, própria da reflexão, poderia levar-nos a viajar no tempo e especular um regime de concomitâncias, de associações livres de respaldo ou fixidez: em Hilma af

Klint (1862-1944), pintora sueca que experimentou o abstracionismo antes mesmo de Kandinsky ou Mondrian, também percebemos uma representação física, em tela, daquilo que não é visível.

A tinta lembra que a matéria, por meio do gesto, não opera apenas naquilo que é concreto ou apreensível, por meio do que já foi elucidado.

Ganha um quê espiritual – própria não apenas dos alfarrábios da história da arte, mas também possível de ser pareada à arte contemporânea brasileira produzida por artistas indígenas, como as pinturas de Daiara Tukano, que operam nesta tradição que expande as possibilidades da arte.

Ao sobrepor camadas de tinta e formas que equilibram-se e irrompem nas pinturas retangulares produzidas pela artista, poderíamos perceber uma alusão ao eclipse. Tal evento astronômico agora servirá para aludir às várias camadas do tempo: por quais motivos, desde a Terra, a artista aludiria ao movimento de corpos celestes e galáxias outras? Sem termos algum tipo de certeza sobre esta resposta – talvez nem a própria artista as tenha ou prefira guardar em segredo, como o mistério religioso – cabe ao crítico que recusa-se a entender mais uma vez imaginar. Sob a rígida Ditadura Militar (1964–1985), brasileiros assistiram, em 1969, à chegada de seres humanos à Lua, em pleno AI-5, que institucionalizou a perseguição política aos seus opositores e autorizou uma série de medidas de exceção. Entre elas, o fechamento do Congresso Nacional, a intervenção em estados e municípios e a suspensão de direitos políticos de qualquer cidadão. Frente à rigidez da norma, cabe ao artista ainda assim criar. Foi no ano de 1970 que a artista brasileira Anna Bella Geiger desenvolveu as primeiras serigrafias da sua Fase Lunar, a partir do cruzamento das técnicas de serigrafia em cor e fotoserigrafia, a partir de imagens conseguidas pessoalmente pela artista na Embaixada Americana. A potência destas imagens acompa-

nhou a investigação artística de Geiger. Percebemos além da superfície lunar, outras imagens produzidas pela Nasa. Na folha de contato, as fotos rejeitadas para futura ampliação ganhavam um xis – também uma rasura – e provocaram a inclusão de tal código em trabalhos dos próximos anos, como em “Aqui é o centro”, de 1973. Em sua produção artística, repleta de mapas e representações de geografias físicas e humanas, a artista mira a imensidão do céu. Fazer do impalpável, do inimaginável e do impossível o seu chão, operação que confia na opacidade da arte, para aquela que, sem garantia de sua liberdade de expressão, insiste em criar. Garantida pela Constituição, a liberdade de expressão está ligada ao direito de manifestação do pensamento, possibilidade do indivíduo emitir suas opiniões e idéias ou expressar atividades intelectuais, artísticas e científicas, sem interferência ou retaliação do governo. Tal fantasma histórico, todavia, mostra-nos que mesmo para aqueles que confiam na linearidade do tempo, o passado insiste em se fazer presente. Mirar aquilo que paira sobre nós renova suas possibilidades políticas quando, na atualidade, o governante do país discursa sem máscara em ato pró-intervenção militar em frente ao quartel general de Brasília, em meio à aglomeração que clamava

pela volta do mesmo Ato Institucional durante a maior crise pandêmica do planeta. Se confiamos que as palavras carregam consigo mais de um sentido, não poderíamos deixar de desconfiar na potência política das imagens.

Chegamos ao apocalipse anunciado pelo terceiro termo eleito por Marcia Ribeiro. São também três as bandeiras hasteadas pela artista para os visitantes do Parque do Carmo. Em tempos de incerteza, os mastros anunciam que é preciso reinventar códigos e operar por meio dos símbolos.

A ocupação “Elipse, Eclipse, Apocalipse” desfraldará três bandeiras com as palavras “Galáxia”, “Universo” e “Planeta”. A substituição operada pela artista, da ordem conceitual, por si já poderia fazer rima ao título do paradigmático “Anywhere is My Land”, pintura de Antonio Dias, produzida no ferrenho ano de 1968.



Ao salpicar tinta branca sobre a superfície de uma tela pintada de preto, o artista produziu uma miríade de pontos desordenados, sem tamanho uniforme. Sobre põe a esta desritmada composição uma malha, também em tinta branca, que organiza a superfície da tela como as malhas que aferem a escala em mapas geográficos. Apesar de trabalhar por meio da pintura, da serigrafia e da instalação, a citação direta ao trabalho de Dias retoma uma operação conceitual de uma artista que parece querer estar impregnada ao seu tempo, muito embora não esteja usando de códigos que manifestamente a liguem ao espaço. Tal energia subversiva parece mais uma vez aludir à temperatura febril de um Brasil ferido. Tal escrutínio das imagens, palavras, símbolos e códigos presentes nesta mostra, no entanto, podem dizer mais sobre a violenta política dos nossos tempos do que sobre as razões da poesia que levam adiante aquela que cria. Aqueles que miram os trabalhos mais antigos de Marcia, no entanto, podem notar que há um elíptico retorno da síntese cromática: bastam o preto e o branco. No ano de 2022, somos ainda os mesmos e, sobreviventes, já outros: uma crise sanitária extravasou não apenas limites geográficos, mas também fronteiras interpessoais.

Em texto sobre os procedimentos pictóricos presentes nas pinturas de Marcia Ribeiro, o artista Fabio Morais usa um léxico geológico que ilumina o que há de topológico nas telas: superfícies, crostas, relevos, camadas e erupções. Ressalta o que já deveríamos saber: aquilo que vemos não é realidade, é indício.

Tal afirmação ganha eco nas palavras de outro texto, da crítica e curadora Clarissa Diniz, sobre o trabalho da artista, a instalação “Um pouco do nada”, uma alegoria dos elementos que compõem o corpo de todo e qualquer ser humano que habita este planeta: dentro de vasos, tubos e outros recipientes de vidro que guardam as substâncias químicas que nos conformam: oxigênio, carbono, cálcio, potássio, hidrogênio, cloro, enxofre, sódio, dentre outros. Na percepção de Clarissa, trata-se de um corpo “em tudo fugidio, evanescente e, por isso, infinito.” Em ebulição, condensação e sublimação, “Um pouco do nada”, uma instalação, relembra-nos que a representação não é o bastante, rememora daquilo que escapa. Não contente com tanto, o corpo que se debruçava sobre a instalação encontrava, também no formato de uma elipse, um espelho: um portal, uma fenda, um abismo.

Em “Elipse, Eclipse, Apo. calipse” Marcia insiste na percepção. Provoca o encontro de seus trabalhos com aqueles que vêm até o planetário para, por meio de seus corpos, ter uma noção ampliada do universo onde vivemos – e morreremos.



Da ciência à religião, da família ao estado, da psicologia à ecologia, vimos no século XX estruturas desmoronarem-se sem o estabelecimento de um nova ordem, como anuncia o catálogo da mostra "Light & Space", apresentada no Whitney Museum, em 1980, do artista James Turrell, outro amante da percepção. No texto de Melinda Wortz, somos levados a entender a natureza da existência como efêmera - em relação aos tempos, aos lugares e às mentalidades - num processo contínuo de intercâmbio entre o que podemos chamar matéria e energia, forma e vazio ou, em última instância, observador e observado. Quiçá obra e espectador.

Um fenômeno observado pelo físico Bernardo d'Espagnat é ressaltado neste catálogo, que assim como

as rasuras de Marcia ou a ocupação do planetário, borra fronteiras entre os campos de conhecimento: a atitude da experiência influencia não apenas o resultado do experimento, mas também, em alguns casos, o comportamento físico das próprias partículas envolvidas.

A autora ainda alerta que em outros círculos essas ocorrências já tinham sido identificadas, chamadas de parapsicológicas, por aqueles que julgam tudo saber - ou entender, como no título deste ensaio. Na recombinação das palavras, salta milênios: divide conosco que durante séculos os hindus se referiram à essência de nossas vidas e do mundo físico como *maya* (ilusão), apontando para as condições efêmeras ou não fixas de existência. Com admirável concisão, relembra o Sutra do Coração budista, como expressa a troca simultânea que a tudo constitui: "Forma é vazio, vazio é forma." Insistente na palavra, amante das imagens, maravilhado pela experiência, como quem busca a inspiração do espírito, resta-me, com a certeza de não saber, fazer minhas as palavras de Olavo Bilac em seu poema Via Láctea, que responde àqueles que dizem ouvir as estrelas: "Amai para entendê-las! / Pois só quem ama pode ter ouvido / Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Eclipse, 2022 - Tinta acrílica e guache sobre tela, 200 x 160 cm

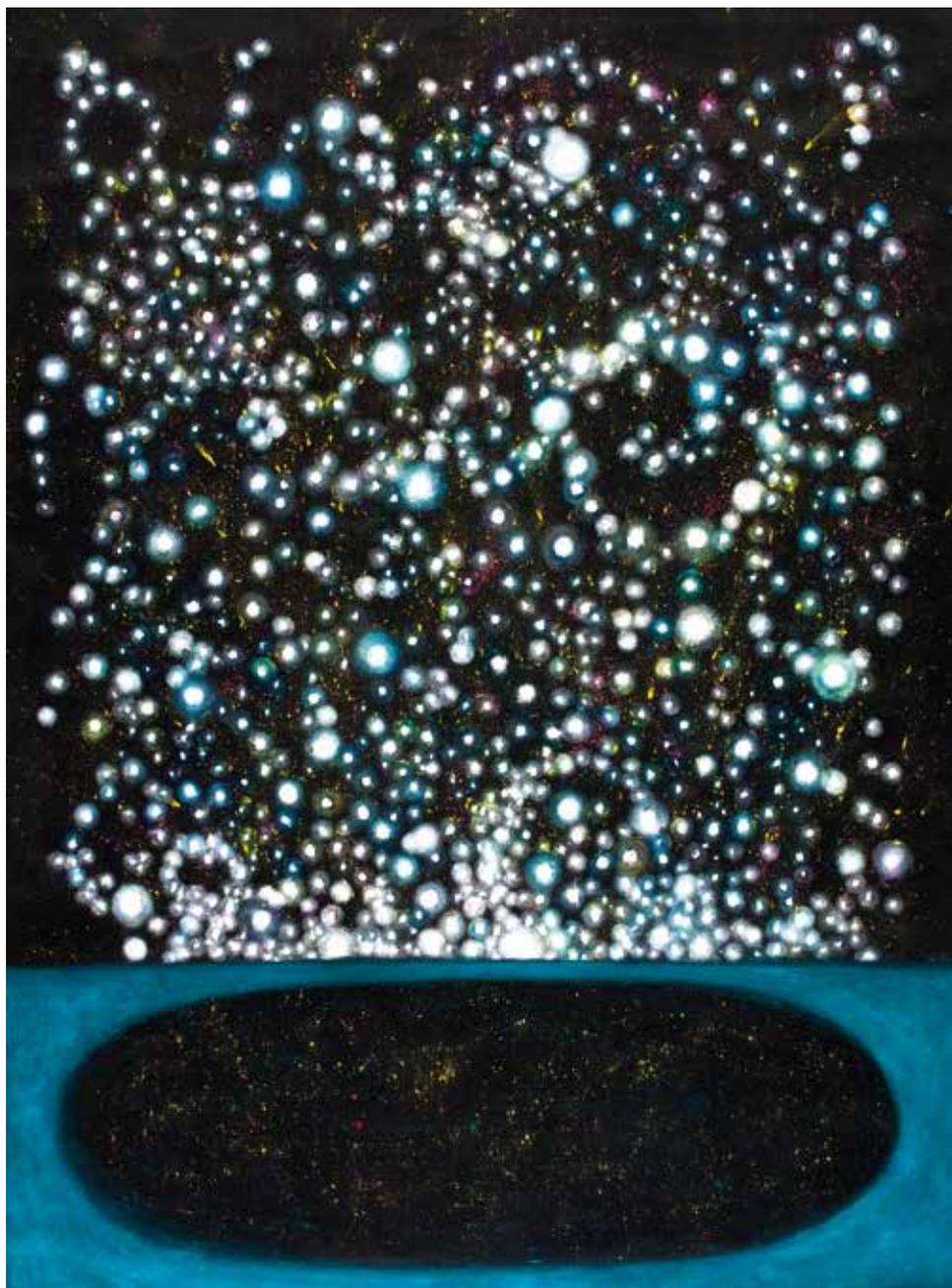




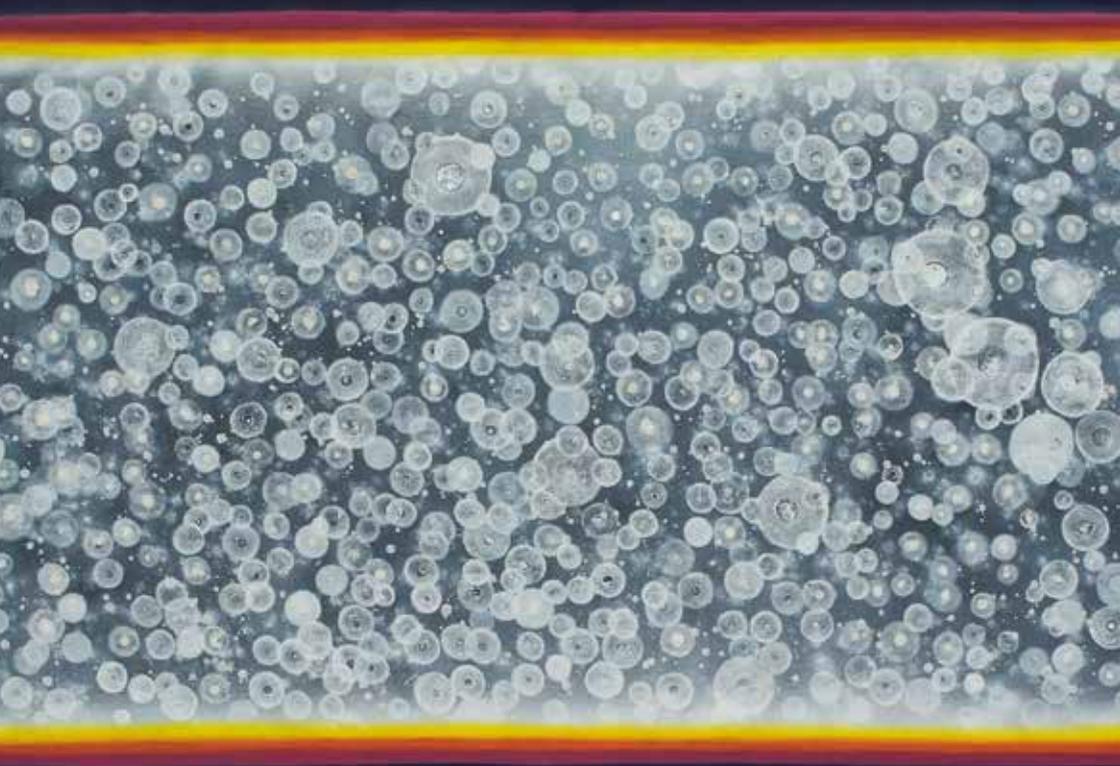




Noite Clara, 2022 - Tinta acrílica, pigmentos e guache sobre tela, 200 x 160 cm



Nyctofilia, 2022 - Tinta acrílica, pigmentos e guache sobre tela, 195 x 146 cm



“Por meio da retirada de camadas de tinta, percebemos um passo. do que se faz presente, cuja totalidade nos escapa – como a própria vida”

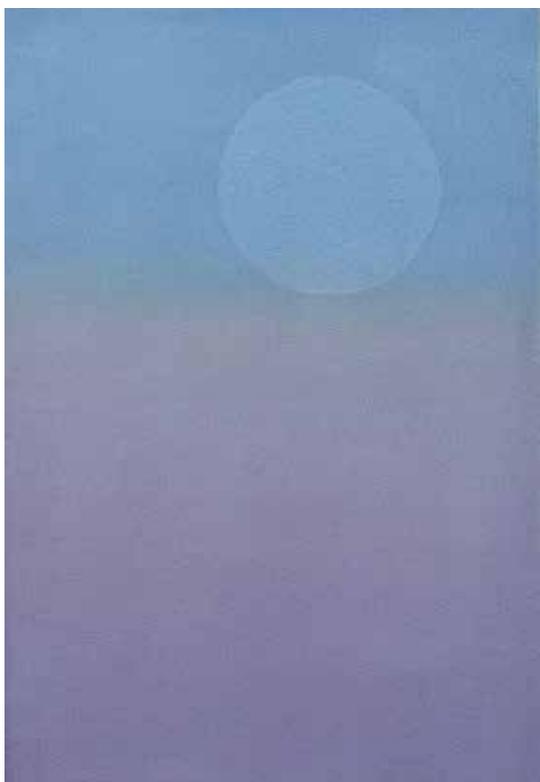
Ulisses Carrilho



Ascensão Azul, 2015 - Tinta acrílica, pigmentos, bastão oleoso e guache sobre tela, 180 x 162 cm  
P.21 Fluxo Gradiente Azul, 2022 - Tinta acrílica e guache sobre tela, 200 x 160 cm



Fluxo Verde Rosa, 2001-2014 - Tinta acrílica e guache sobre tela, 190 x 160 cm



P.24 /

**Pôr do Sol**, 2022 - Tinta acrílica e guache sobre tela, 81 x 56 cm

**Calor**, 2022 - Tinta acrílica, guache e pigmentos sobre tela, 76 x 54 cm

**Eclipse Solar**, 2022 - Tinta acrílica, guache e pigmentos sobre tela, 81 x 56 cm

**Lua Nova**, 2022 - Tinta acrílica e guache sobre tela, 81 x 56 cm

P.26 /

**Noite**, 2001-2014 - Tinta acrílica, pigmentos, bastão oleoso e guache sobre tela, 81 x 56 cm





## TOUR BILHÃO por Arthur Braganti

Entrar na exposição da Márcia Ribeiro. Ir até a exposição da Marcia Ribeiro. Se deslocar para ir até o espaço onde está a exposição da Marcia Ribeiro. Decidir sair do ponto onde se está e se mover até a zona onde ficam lado a lado um parque verde imenso e um planetário, que é onde está montada a exposição da Marcia Ribeiro. Parque verde imenso, planetário, eclipse, eclipse, apocalipse. No gesto da visita à exposição da Marcia (Marcita, Marceeta), o antes é durante, dur(antes), dura antes e depois, sem medo de ser feliz na farra poética dos joguinhos de palavras. Decidir ir até a exposição é encontrar-se de saída com uma conjunção de sinais que instigam frissons de desde criança: parque-floresta imenso, planetário, eclipse, apocalipse. O acontecimento da exposição já começou aí: no barato de ir guiado por esses frissons, o corpo indo atraído por esses imãs-perturbações. Uma floresta imensa e um lugar no qual se vêem os astros e os planetas, no qual se encara o mistério escuro do espaço sideral. Lá está acontecendo, do lado da floresta, dentro do prédio do planetário, uma exposição de arte. O caminho não é curto, é preciso sair de perto dos referentes comuns, deslocar-se do centro onde tudo se reconhece, talvez seja preciso abandonar o excesso de conhecimentos, para conhecer outro espaço e outras visões. Descrevo aqui o movimento do sujeito do centro urbano: para nós, ir até lá é um deslocamento longo. Não é assim para a população que mora por ali: longe do centro urbano, longe de onde se encontra a maioria absoluta das exposições de arte da cidade de São Paulo. Esse público, distante do centro nervoso da cultura paulistana, está a poucos metros de uma exposição de arte de grande vulto, de proporções variadas. Descrevo o movimento do sujeito centrista, o meu movimento. Mas o meu movimento se dá em um "plano"; num "plano" diverso, simultâneo, está acontecendo o outro movimento, o

das pessoas do entorno do parque-planetário indo visitar esse lugar grandioso da vizinhança, ocupado por uma exposição de arte. O meu movimento atravessa esse trajeto longo, onde vai-se deixando para trás os referentes espaciais reconhecíveis, as imagens de São Paulo a que se está acostumado. É eletrizante quando se percebe o desenrolar do movimento, o contrário do "pisquei e cheguei", experimentar a materialidade de um trajeto: tempo, mudança de paisagem, coisas sumindo e outras aparecendo, o desfile de visões que se transformam no circuito para que se chegue ao Parque do Carmo, Zona Leste de São Paulo. Ali está o Planetário do Carmo, essa nave encostada na floresta. A itinerância e essa primeira visão da chegada já valem um drama: alguém se mexeu e uma coisa se transformou. Três bandeiras pretas, hasteadas bem alto nos mastros, logo na entrada, indicam a escala de amplidão do espaço em que nós vamos trabalhar e escurregar: PLANETA, GALÁXIA, UNIVERSO. Para que se veja essas palavras-espaço escritas cada uma em uma bandeira, precisamos do vento, que ora ondeia uma e dá a ver o PLANETA, ora ondeia as três e se pode ver tudo, ou quem sabe as deixa escondidas e então não se vê. É a tecnologia natural e indisciplinável do vento que permite ver (ou não ver!) o que diz uma bandeira, é preciso esperar

pelo vento para desvendar o mistério do que há na bandeira, sem pressa, sem manipulação. Isso sozinho já é muitíssima coisa. E seguimos porque tem mais.

Uma representação de um átomo, a cápsula atômica, da altura de um ser humano adulto sobre um círculo espelhado, está atrás das bandeiras, ainda no espaço aberto na frente do prédio. Quem visita pode entrar dentro do círculo, dentro do átomo, e se vê refletido no espaço. Como no atomismo de Demócrito, a matéria solta no espaço, indestrutível, que se movimenta no meio do turbilhão de outras, e que com elas se pode chocar, encaixar e criar outras matérias, outros futuros, outras formas de vida.

Essa figura dentro da cápsula sou eu-átomo, prestes a colidir com outros átomos (tudo que está em volta), produzir outras matérias. É também atomista a disposição do material produzido pela Marcia dentro do espaço do Planetário. As peças coexistem com os elementos que já estavam presentes naquele ambiente institucional, se apresentam ao lado desses elementos anteriores, formando com eles composições insuspeitas, podendo criar novas matérias por aproximação. Nada tem que sair do lugar, não existe limpeza do ambiente para que caibam as peças. As telas da Marcia estão ordenadas no ambiente, junto com outras imagens, com coisas que já estavam ali antes da chegada das obras. Não é o ambiente esvaziado da galeria, que sugere uma presença separada de tudo das peças em exposição. Na galeria, as peças estão "protegidas" da "invasão" da natureza, da vida e das perturbações. Aqui, as peças, como no universo, se encontram com outras coisas. E com outras pessoas. Que moram longe das galerias de arte, mas moram perto do Planetário do Carmo da Zona Leste, e que visitam a exposição. Dentro da cúpula a projeção CIAO MONDO. Cores, astros, planetas, nebulosas, manhã, tarde e noite projetados no teto e nas paredes, o espaço sideral, tão familiar e tão estranho. Tão evocado mas super distante.

Na cúpula, a imersão para dentro de um mundo apresentado já nas pinturas – que estão dispostas em volta do espaço da imersão: pinturas de cores, texturas e explosões que são estrela, espaço, sol ou reflexo, mas que podem ser as imagens produzidas pela persistência retiniana de um olho humano depois de exposto à luz do sol, à luz da noite ou às cores de um crepúsculo. Fotogramas do espaço sideral? Instantâneos da visão de um olho fechado depois da luz? Quem sai da cúpula é convidado a escrever em papezinhos seus desejos, sonhos, ou mesmo suas impressões da experiência imersiva da cúpula. Os adultos e as crianças presentes se animam, escrevem, desenham, depositam tudo numa urna-foguete. Compõe uma outra obra, a partir da obra: átomos que são, colidem com o outro turbilhão de átomos proposto pela Márcia. Nasce uma nova matéria. Várias delas.

Marcia Ribeiro é formada em artes plásticas pela FAAP com pós-graduação em Ensino da Arte- UERJ. Realizou as exposições individuais "In Between" na Svenska Kyrkan em NYC e "Um Pouco do Nada" na Casa da Luz, em São Paulo. Trabalhando com pintura, instalação e desenho, fez parte de diversas exposições coletivas. Participou do Programa de Residência Artística ALTO Residency. É idealizadora do multicultural Festival Cajubi. Em seus trabalhos, Marcia procura registrar poeticamente a passagem do tempo, transmutação da matéria e transformação da realidade. Parte de sua prática conecta arte e ciência investigando o lugar do ser humano no Universo.

marciaribeiro.art  
@marcia\_\_\_\_\_ribeiro

## **Ficha Técnica**

Criação e concepção - Marcia Ribeiro  
Produção Executiva - Helena Forghieri  
Texto Crítico - Ulisses Carrilho  
Educativo - Rodrigo Bueno  
Design Gráfico - Alice Freire e Gabriela Perin  
Montagem Pinturas Grandes - Jeferson Santos Lima  
Montagem Cápsula Atômica - Focos Cenografia  
Fotos - Nadja Kouchi e Fabrício Marconi  
Assessoria de Imprensa - Belmira Comunicação  
Motorista - André Marquet  
Realização - Estúdio MASTA

CIAO MONDO - RÉQUIEM ELÍPTICO 2022

Paisagem Sonora - Arthur Braganti e Marcia Ribeiro  
Programação Visual - Marcia Ribeiro (concepção), Thiago Inácio (execução)  
Mixagem - Fernando Ianni

## **Agradecimentos**

Equipe Planetário Parque do carmo, Equipe Planetário Ibirapuera.

Bruno Rainho, Mariana Metri, João da Fonseca, Miriam Molina, Fabio Moraes, Fernando Nascimento, Dináh Moreira Allen, Flavio Bianchi, Daniel Vilela, Lia Ribeiro, Laiá Shoes, Livia Paiato, Lucia Jaimovitch, Pedro Gerab, Alex Takaki, Jacarandá Montagens, João Pentagna, Confeitor, Nadja Kouchi, Katia Ciccone, Joana Millan, Monica Kelly, Raniere Kepler, Marcelo Maia, Paulo Vicelli, Alice Bueno Freire, Helena Forghieri, Amora Forghieri, Milena Machado Neves, Lucia Jaimovich, Fábio Morais.

FOI

MARIA LUIZOSA

OTIMO



Remeter a leu  
cu no interio  
de uma pagu

queria Pingar uma  
gata de Cora he  
meu filho

aflição

VIVI UMA SESSÃO  
AYA HUASCA. LIM

anel & co

Escrever

A EMB

MOS ESTRELA

Precisamente um  
lado! Gatos muito.

Pensei numa historia em  
que o Espirito viaja pelo  
espaço infinito. Vida em  
vários e vários mundos,  
cada qual com sua estela

Este mundo, a terra, é  
o meu estágio principal  
onde me encontro como

espírito de

Eu adei profeta mas sinto um  
astromante

Obrigado pela experiencia.  
Sua arte conecta as pessoas!

Adore

Amor

Força

Acho que sim

Porque meu destino  
deve estar pebo  
estrelas, asteroides, sate-  
lites pelo esse espaço  
na qual nos vamos viver  
osuficiente para perceber  
que não há fim, como um  
ciclo em que vivemos.  
Obrigado pela ação!  
-Luc

Experiencia da  
maravilha do  
universo na  
minha vida

Muito com  
pequena mas em  
meio do universo  
em um mundo  
castelo que vivemos  
e parecemos im-  
menses de est

maravante!!!

Eu vi essa página,  
senti muita mais  
de deste Universo, fiquei  
muito mais a respeito  
leto de adivinhos  
na minha casa, a Terra!  
Esquante assistia, não  
sei d'ou de reflecte e  
confirma p/ minha  
alma. Não sei mais

ESTRELA  
UM PA VÔCE A. F.

EU

Quero

FLUTUAR

Foi a experiencia mais  
fascinante que ja presenciei

Uma imersão nas  
moldura de

Senti que eu estava em

Estou desistindo  
pela capta

Estou desistindo

Que coisa linda  
mas de se

Estou desistindo

DO  
CEITO.  
DO MUNDO  
PRAZERES.

pequena, quero ser e desejo ser  
a da ciência e me trouxe essa  
luga.  
a memória de algumas aventuras  
nda por me lembrar do meu

grande p/

abundância do  
ao redor  
a um fazendeiro

DA MAMAZETRA  
A VIA LACTEA  
Do PD  
Ao PD

me senti como se eu estivesse  
sempre em um mundo novo  
mas a parte de algo  
mas que parecia  
nos momentos, por acaso  
quando estamos com uma  
sua chor de pessoas por  
exemplo, de tanto da  
mesma forma que eu  
uma pessoa que de  
isso me pareceu sempre

EU SENTI COMO SE  
SE GIRANDO E COMO  
TIVESSE NO ESTÁGIO  
EU TIVESSE CIA.

Me sinto conectado com  
a natureza

A obra revela  
nossa significação

Que as nossas  
tentativas de ordenar  
o universo nunca nos  
impedem de ver a  
maravilha que se re

Mergulho  
no  
interior

Tem de se fazer  
uma espécie  
de conexão

UNIDADE  
PS

momento impressionante  
prazer O TEMPO  
é diferente quando  
nos aque da Terra  
conexão artística  
- by sentir isso -  
NR NO TEMPO NA TERRA

Soneto  
que se chama  
SANTANDA

Imersão - divida sensível  
ótimo sessão!

para sentir a  
O prazer do  
sugar do corpo

Estamos sozinhos  
que sem nós  
mas se passamos  
em tudo isso  
Toda a vida

Como pode as  
estradas nos reme  
ter a infância  
V: o céu da noite

QUE  
VIAGEM  
INTERIOR  
EXTERIOR

ANA  
ROSA  
28/12/2



ORIGEM

MINUVA.  
Tudo o  
que se passa  
o céu  
muito do  
lo do

A linguagem não dá  
conta...

com uma  
em se dia e  
revelado  
quando quando  
estava um pouco  
estava no



exploração  
a de potências  
a e a lógica  
travessa todos  
os sentidos,  
para coletiva



Eu gosto muito de escrever

Fue algo maravilhoso  
- 2013 - 2014 - 2015 - 2016 -  
- 2017 - 2018 - 2019 - 2020 -  
- 2021 - 2022 - 2023 - 2024 -  
- 2025 - 2026 - 2027 - 2028 -  
- 2029 - 2030 - 2031 - 2032 -  
- 2033 - 2034 - 2035 - 2036 -  
- 2037 - 2038 - 2039 - 2040 -

Olá! gostaria  
de agradecer  
por tudo isso



